



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da 15ª Reunião do Conselho do Mercosul**

**Montevidéu – Uruguai, 16 de dezembro de 2003**

**Jornalista:** Bom, Presidente, foi tão bem colocado aqui, por todos os seus colegas, (...) muito grande, a área de acordo do Mercosul com a Comunidade Andina. Eu também pergunto ao senhor: há uma importância muito grande, econômica, do Brasil, o peso econômico do Brasil é muito grande (...). O Brasil (...) o senhor tomou medidas que o senhor já nos disse, necessárias, para controlar a inflação no Brasil, o país cresceu um pouco. Pergunto ao senhor: que medidas o senhor pretende tomar, Presidente, para fazer com que o Brasil volte a crescer mais, volte a funcionar mais junto a (...)

**Presidente:** Olha, primeiro, o aumento do intercâmbio entre os vários países da América do Sul e outros países de outros continentes, aumentando as nossas exportações, certamente vai fazer com que a economia tenha uma contribuição para o crescimento.

Mas é importante salientar que um acordo como o que foi assinado aqui, hoje, permite não apenas uma visão comercial. É uma integração mais ampla, que passa pela questão política, pela questão cultural e pela necessidade de todos os países crescerem. E nós achamos que essa política de compra e venda de um país para outro contribui com o crescimento das economias de todos os países que compõem o Mercosul, da mesma forma que pode garantir o crescimento de vários países na América do Sul e dos países que compõem o Mercosul.

Segundo, no caso do Brasil, eu estou muito mais tranquilo agora do que estava em qualquer outra época do ano, porque as condições estão dadas



para a economia brasileira voltar a crescer. E nós sabemos que precisamos voltar a crescer rápido porque precisamos gerar os empregos e distribuir renda para melhorar a vida do povo brasileiro.

Esse é um objetivo, é uma obsessão. O povo brasileiro, mais do que ninguém, compreendeu a situação em que nós pegamos o Brasil. Dia 19 ou dia 21 nós vamos promulgar, no Congresso Nacional, a reforma tributária e a reforma da Previdência Social, o que foi um feito extraordinário em menos de um ano de governo.

E eu acho que agora é só apresentar os projetos, como a PPP, para que os empresários, tanto brasileiros quanto internacionais, se sintam atraídos para o investimento. E utilizar o dinheiro que temos no Orçamento, o dinheiro que temos no BNDES, no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal, para dinamizar os setores da economia que podem crescer mais rapidamente e gerar a riqueza que precisamos gerar no Brasil.

Estou certo de que o povo brasileiro vai ter um 2004 auspicioso, não há por que não acreditar nisso. A economia mundial começa a dar sinais de recuperação. O Brasil dá sinais extraordinários de que as nossas exportações vão continuar crescendo e, também, devem crescer as importações, para que possamos modernizar o nosso parque industrial.

E acho que isso vale para o Brasil e para outros países da América do Sul. Acho que a fase ruim, a fase tenebrosa, a fase de incertezas, a fase da dúvida, do medo dos investidores acabou. Acredito nisso piamente. E, por isso, vou terminar 2003 com a certeza absoluta de que, a partir de 2004, o Brasil é um país que vai crescer, eu diria, até mais do que alguns institutos dizem que vai crescer.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Olhe, desde que começamos a trabalhar a idéia de fortalecer o



Mercosul como um bloco não apenas para ajudar os países da América do Sul, mas para negociar com outros blocos, nós tínhamos clareza de que os países de economia mais forte precisavam dar a sua contribuição para ajudar os países que têm as economias menores, que têm mais dificuldades econômicas.

E isso nós temos que fazer, primeiro, estabelecendo regras que permitam que a relação comercial não tenha a mesma igualdade para todos os países. Você pode ter uma política com o Uruguai ou com o Paraguai diferente de uma política que possa ter com a Argentina ou com outro país de maior potencial econômico. Ao mesmo tempo, nós achamos que os países que têm mais potencial econômico precisam contribuir para que possa haver ajuda com financiamento para projetos de infra-estrutura nos países que têm mais dificuldades.

Estou convencido de que essa é a lógica que permeou a integração da União Européia e que permitiu que os países mais ricos ajudassem Espanha, Portugal e Grécia a se desenvolverem. Acho que nós temos que dar essa contribuição, porque senão será muito difícil a gente falar em livre comércio se os países não têm a mesma oportunidade, a mesma densidade tecnológica.

Portanto, é preciso que haja essa compreensão dos países economicamente mais fortes. E eu estou convencido de que o Brasil fará a sua parte.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Primeiro, não discutimos o problema da dívida neste encontro aqui. Segundo, eu só posso opinar sobre qualquer coisa sobre as negociações argentinas se houver, da parte do Presidente Kirchner, um pedido de sugestão, de uma opinião minha. Caso contrário, eu não dou palpite sobre as coisas que outros países fazem. Afinal de contas, eu defendo a soberania de cada país



nas questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Eu tenho certeza de que a Argentina está preparada para fazer o melhor para o povo argentino.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Olha, primeiro o acordo político e econômico estão muito interligados. Não é possível separar a relação econômica da relação política. E nós queremos, neste acordo com a Comunidade Andina e com o Mercosul, aperfeiçoar nossas relações políticas e nossas relações comerciais.

Sob o meu ponto de vista, quanto mais forte o Mercosul estiver, mais chances nós temos de fazer grandes acordos com outros blocos, seja na discussão da Área de Livre Comércio das Américas, seja com a União Européia, seja com o Japão, seja com os Árabes ou com o continente africano. Quanto mais coesão tivermos, mais força teremos para negociar. Isso não implica que cada país não tenha autonomia para fazer os acordos bilaterais que entender que deva fazer, porque o fato de estarmos fazendo um acordo não significa que os países perderão a sua autonomia de autonegociarem os seus interesses.

Eu quero terminar a resposta a essa pergunta dizendo à jornalista que eu saio de Montevideu realizado como dirigente político e como Presidente do Brasil. Porque quando começamos a disputar as eleições, no ano passado, não faltaram aqueles que diziam que o Mercosul ia acabar. E, hoje, o Mercosul está mais consolidado do ponto de vista da compreensão política, do ponto de vista da relação comercial e, sobretudo, do ponto de vista da compreensão de que é necessária a existência do Mercosul não apenas entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, mas com a Comunidade Andina, com as Guianas, com todos os países que pertençam ao continente sul-americano.

Nós estamos provando que isso é possível, e quanto mais coesão tivermos, mais forças teremos para negociar a ALCA, mais forças teremos para



negociar com a União Européia, mais forças teremos para trazer investidores e negócios para América do Sul. É por isso que eu acabo de fazer uma viagem a cinco países árabes e propus a eles que fizéssemos, no próximo ano, quem sabe entre agosto e setembro, uma reunião dos chefes de Estado dos países árabes com os chefes de Estado da América do Sul para que a gente possa discutir integração econômica, política, comercial e, sobretudo, ajuda financeira para que a gente possa fazer a integração física do nosso Continente.

**Jornalista:** (inaudível)

/mcpro/lrj/vpm